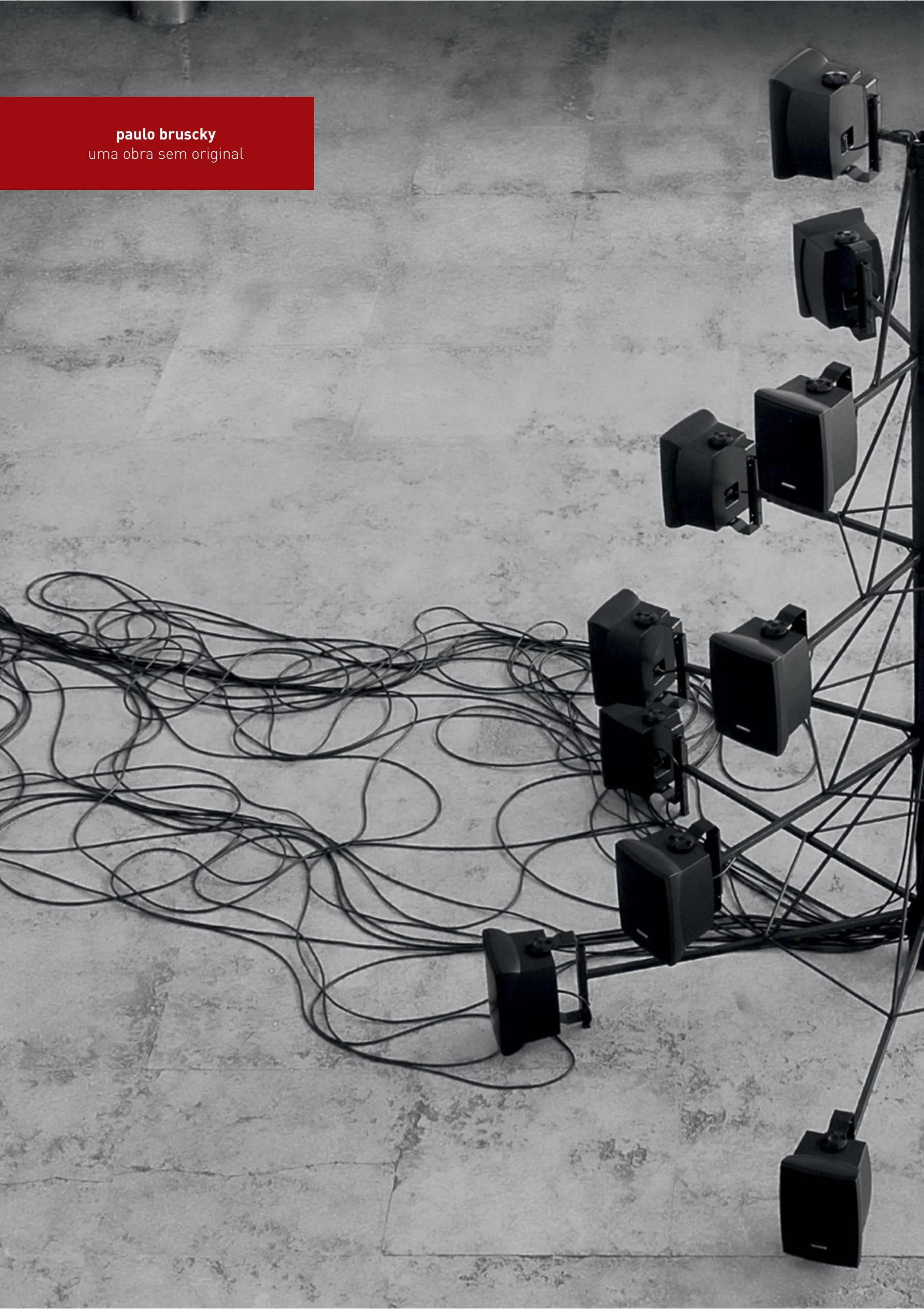
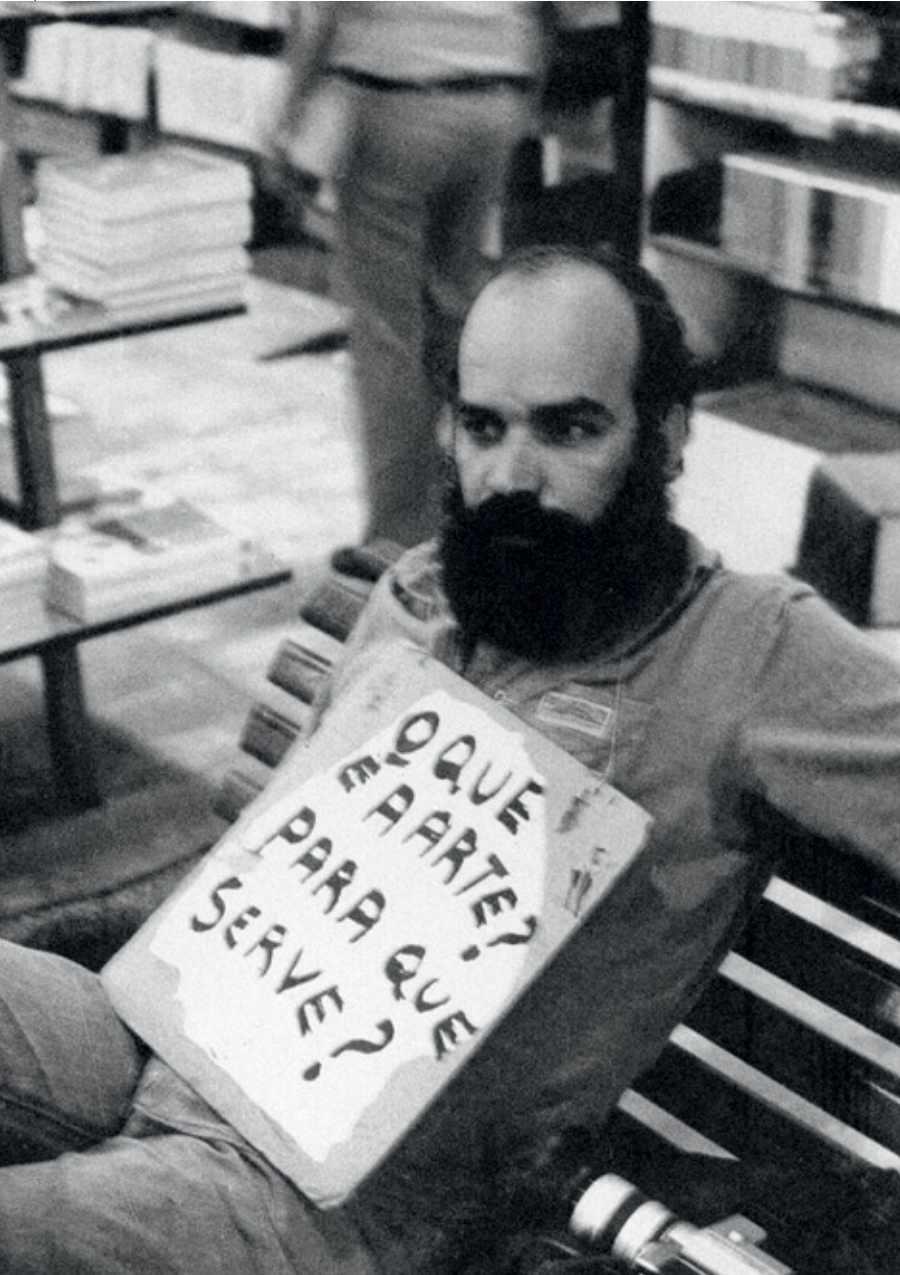


paulo bruscky
uma obra sem original







Fotógrafo, videoartista, curador, arquivista, escritor, pesquisador, ativista, artista-inventor. Inclassificável, Paulo Bruscky trafega com desenvoltura, sem adesão a uma linguagem ou técnica específica, imerso em experiências com arte correio, poesia visual, poema-processo, poesia sonora, livros de artista, videoarte, super-8, *artdoor*, xerografia e faxarte. Possui ainda projetos de performance, instalação, intervenção urbana, vídeos e distintas linguagens multimídia. Sem dúvida alguma, meios e técnicas não definem sua prática artística, sequer nomeiam e categorizam sua obra, tão vasta quanto múltipla.

Em sua primeira exposição em Minas Gerais o artista apresenta no Museu de Arte da Pampulha um amplo panorama de sua trajetória, iniciada nos anos de 1970, constituído de cerca de 350 itens entre vídeos, arquivos sonoros, expressivo conjunto da arte correio, livros de artistas, fotografias, objetos, instalações e documentos de ações públicas empreendidas em Recife.

Em estreita ressonância à experiência do artista, a mostra, de cunho arquivístico, foi concebida e desenhada como uma grande sala de leitura onde o espectador pôde deliberadamente imergir, a partir de uma experiência múltipla de sentidos, no “banco de ideias” *brusckyano*. De fato a exposição extrapolou as salas expositivas do museu estendendo-se até o espaço privado; anunciou-se antes da abertura, a partir da remessa via correio de três obras – *Língua performance*, *Linha poética* e *É proibido colar cartaz* – reeditadas e produzidas em distintos meios gráficos, ambos amplamente utilizados pelo artista (tipografia, carimbo, colagem e impressão *offset*).

Sempre permeado pelo ato poético, o estatuto da obra de Bruscky opera no contra fluxo e à margem do sistema tradicional da arte, empregando diversificados métodos de multiplicação da imagem como o xerox, o carimbo, o fax, o telex, o mimeógrafo, aparelhos de eletrocardiograma, a heliografia, bem como todos os procedimentos ofertados pelos correios, para disseminar e intercambiar ideias, ações e obras, sempre ancoradas em contextos sócio-políticos.

Valendo-se de canais alternativos de circulação, Paulo Bruscky, pioneiro da arte postal no Brasil, ativou ampla rede de correspondência disparada a partir de Recife, cidade onde nasceu e sempre viveu, para várias partes do mundo, o que acabou por gerar um rico arquivo de arte conceitual com cerca de 70 mil itens, que incorpora desde trabalhos de artistas/ativistas integrantes do Fluxus até artistas do grupo japonês Gutai.

O título da mostra, “p_Bruscky, uma obra sem original”, remete-se a articulação do artista em torno da ideia de unicidade, originalidade e autoria da obra de arte, temas frequentemente desconstruídos e implodidos por ele, a partir do emprego de métodos experimentais de reprodução gráfica e multiplicação da imagem.

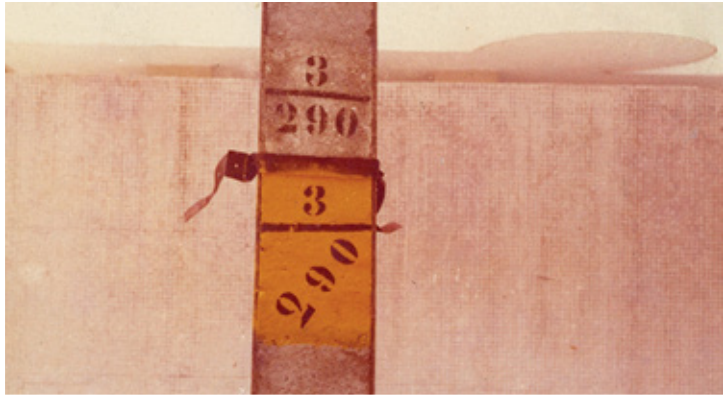
A lida com a palavra e o jogo poético, o uso da ironia e do escárnio, a justaposição entre arte e vida, a observação da cidade e a apropriação do espaço urbano são questões adensadas e potencializadas pela obra do artista.

Em sua potente investigação observa-se ainda a adoção de canais de propaganda e os métodos de reprodução de imagem, a verve política, a ativação de dispositivos impressos obsoletos, a criação de redes e canais de comunicação, a crítica ao sistema, à cadeia da arte e ao espaço legitimador do chamado “cubo branco”, a reprodutibilidade, a utilização de materiais obsoletos e de descarte, o desmonte da noção de autoria.

Não por acaso, o Museu de Arte da Pampulha, atento e impregnado pelas articulações ativas pela obra do artista aponta para si mesmo a ácida pergunta e conclama o público: *O que é a arte? Para que serve?*



ENTRE O TREM E A PRAIA
COM O MÃO
ATENÇÃO



Linha Poética



Paulo Bruscky
RS BH TO

LÍNGUA PERFORMANCE

ÁUDIO-PERFORMANCE, VIA
AÉREA, DE PAULO BRUSCKY,
PARA RÁDIO:

PEGAR UMA TESOURA,
CORTAR A LÍNGUA,
UMEDECÊ-LA EM UMA
ALMOFADA DE CARIMBO
E FAZER COMPOSIÇÕES
CARIMBANDO-A EM
TECIDOS OU PAPÉIS.

Paulo Bruscky
Paulo Bruscky 2/5

Recife/ Brasil/ 1988
Belo Horizonte/ Brasil/ 2010
MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA

museu de arte da pampulha

É uma tarefa difícil para qualquer um selecionar os trabalhos de Paulo Bruscky, pela grande quantidade de obras e pela diversidade de mídias e suportes. Os 28 livros que fazem parte da mostra no Museu da Pampulha cobrem um período de quatro décadas da produção deste pernambucano, incluindo o primeiro livro de artista, realizado em parceria com Daniel Santiago há quase 40 anos. É um livro com um espelho na capa, impresso em estêncil, com tiragem de 60 exemplares.

Ao longo de sua trajetória, o livro de artista é um tema que aparece como preocupação estética, como objeto de reflexão (em textos sobre o Gráfico Amador ou sobre os livros de Vicente do Rego Monteiro), ou como item de coleção – seu acervo pessoal tem mais de 1.000 livros de artista, sem contar os mais de 300 que ele mesmo fez. Os livros de artista também são tema de exposições com curadoria de Paulo Bruscky. Em 1979, ele organizou a 1ª Mostra Internacional de Livros de Artista, no Recife, e também foi curador, ao lado de Daniel Santiago, da 1ª Exposição Nacional de Livros de Artista, em 1983. No ano seguinte, expôs 75 livros em uma mostra individual na livraria Livro 7. O *folder* dessa mostra tem o único texto dedicado exclusivamente aos livros de Paulo Bruscky, escrito pelo poeta J. Medeiros.

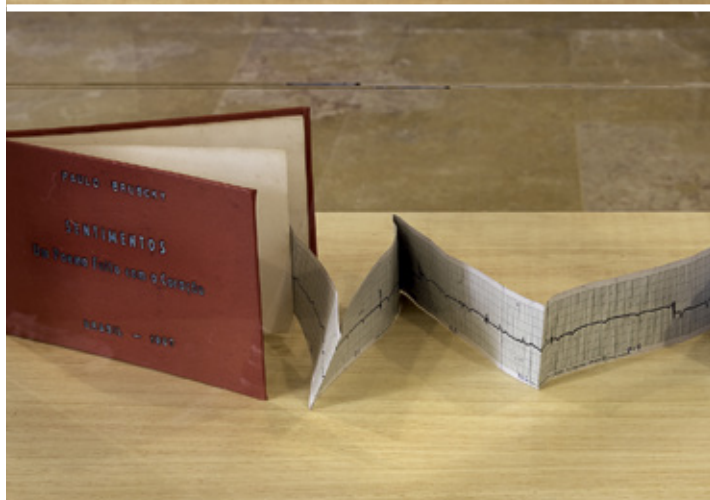
A quantidade impressiona, e podemos ter uma ideia da diversidade de materiais empregados para fazer seus livros-objeto, enumerando os livros que vieram para esta mostra no Museu da Pampulha: tecido, botão e zíper; circuitos eletrônicos; pós coloridos (pigmentos ou temperos?); latas amassadas (a representação bidimensional de objetos?); almofada, tijolo de vidro, ímãs. Sem contar a variedade de papéis utilizados, pois o artista aproveita sobras de papel disponíveis – cardiogramas, diagramas de cortes e moldes para costura, cartão de ponto. Não existe a preocupação em utilizar materiais nobres, os objetos ordinários são matéria de poesia.

Este aproveitamento de materiais é uma forma de respeito ao suporte, ao que um dia teve importância, ao que já é história. É o trabalho de um arqueólogo, recolhendo os vestígios da vida no século XX, somado ao trabalho de um poeta, dando novo sentido às palavras da tribo. Em um livro chamado *Diagnóstico*, as páginas são fichas médicas não preenchidas, comidas por cupins, espécie de *memento mori*, objeto que não nos deixa esquecer a transitoriedade da vida, um lembrete de que um dia nosso corpo também será devorado pelos vermes.

Outra vertente explorada pelo artista são os processos de impressão e produção de imagens: ferrogravura, xerox, carimbos, mimeógrafo, ofsete. O uso de ferro para passar para criar uma marca no papel deu origem ao livro *Ferrogravuras*, de 1975. Para o livro *Rubberbook*, que faz parte da série de livros de carimbo *Stempelplaats*, editada na Holanda em 1978, o artista fez um carimbo de aproximadamente 18x12 cm, e utilizou máscaras de papel para criar falhas na estampa; depois aplicou, em outra cor, um carimbo de uma barata, como se o inseto estivesse comendo a imagem. Apesar de fazer parte de uma edição de 100 exemplares, o artista introduz pequenas mudanças de posição dos insetos carimbados na página, tornando cada exemplar único. Deixa de fazer sentido a ideia de unicidade e originalidade da obra.

A possibilidade de reproduzir imagens em livros, performances, arte-correio, poemas-objeto, poemas visuais, cartazes e outras obras coloca no centro do debate a questão da cópia e do original. Esse jogo aparece também como tema de alguns trabalhos aqui apresentados, ideia reforçada pela presença constante do carimbo com a frase "cópia conforme original", adotado em repartições públicas. Em um trabalho chamado *Arte com Firma Reconhecida*, os selos de autenticidade do cartório, acompanhados da assinatura e carimbo do escrivão, atestam a assinatura do artista. O uso ostensivo de carimbos é uma paródia da legitimação da arte. Um de seus carimbos traz o texto "Confirmado: é arte".

Em um grupo de trabalhos em que procura subverter a máquina, o artista nega a importância da habilidade manual, como na série que resultou no livro *O meu Cérebro Desenha Assim*, com os gráficos criados pelo aparelho de eletroencefalograma registrando os pensamentos do artista. Bruscky, artista e inventor, antecipou em três décadas a máquina de filmar sonhos (que aparece em um livro chamado *Bruscky Invent's*, edição em xerox), e imaginou mecanismos e métodos que



ainda não foram realizados, como o processo de colorização de nuvens, anunciado em um classificado de jornal.

O artista realiza também pesquisas de formato com os livros. Um exemplo é o *Disco de Artista*, também conhecido pelos sobrenomes que aparecem na capa, junto com o perfil dos três artistas, "Pons/Goulart/Bruscky". São discos de papel, dentro de um envelope no formato de um compacto simples, como era chamado o disco de vinil de sete polegadas, com uma ou duas músicas de cada lado. Neste caso, tem um poema em cada face.

Apesar do predomínio do formato código adotado, ele também fez livros em formato sanfona. *A Composição nos Fios*, de 1979, com fotografias de pássaros pousados na fiação elétrica, remete a notas musicais em uma partitura. O formato horizontal da página acentua a horizontalidade da sanfona aberta, e garante a continuidade do desenho formado pela justaposição das fotografias. Como a impressão é frente e verso, o exemplar colocado em pé dentro da vitrine permite olhar os dois lados. A última página se aproxima da primeira, o livro quase se transforma em uma máquina de fazer música em moto perpétuo.

Em seu arquivo, Bruscky guarda encadernados os registros de ações e performances, como o *Artemcágado*, ou as fotografias que mostram o artista em uma vitrine de livraria, com a placa que carregou no peito com a frase "O que é Arte? Para que serve?". Em alguns casos, as ações são retrabalhadas para se converter em livro de artista, como a *Xeroperformance*, de 1980, em que o artista evidencia o processo de produção das imagens que fazem parte do livro. O museu fez um fac-símile para que o visitante possa manusear.

O processo de produção de alguns de seus livros é performativo. Para fazer *A Morte da Ponta do Lápis no Papel*, ele apontou um lápis e iniciou sua escrita automática, registrando os pensamentos sem se preocupar com o texto, até acabar a ponta do lápis, que foi grudado dentro do livro, como se o livro fosse o seu mausoléu. O artista nunca leu o texto produzido naquele dia. *A Outra Pedra de Rosetta*, livro em parceria com Daniel Santiago, é peculiar: não existem duas cópias idênticas dentro da tiragem de 161 exemplares. Os artistas passaram alguns meses "juntando tudo que fosse papel: revistas, mapas, carbonos, papel branco, de presente, papéis impressos em geral etc... e tem textos em várias línguas: português, francês, inglês, japonês, alemão etc... pois fomos em diversos consulados recolher material para a confecção dos livros"¹. Encheram uma sala com os papéis empilhados e deixaram que quatro ventiladores fizessem a intercalação das páginas.

Outra característica dos trabalhos de Paulo Bruscky é a atenção para o cotidiano, a vida em estado poético. A pesquisadora Cristiana Tejo comenta:

"No meu ponto de vista, o que interliga sua obra é a poesia. Seu olhar tem a capacidade de enxergar o extraordinário no cotidiano. Faz parte de um posicionamento de vida, que dá liberdade a ele em procurar a beleza em vários formatos"².

É muito importante a participação das pessoas nas obras e nas proposições de Paulo Bruscky. O manuseio é fundamental para as obras *Livrobjetojogo I*, livro de lata com ímãs coloridos, que podem ser recombinados infinitamente nas páginas, e *Livrobjetojogo II*, feito de tecido, cada página de uma cor, com botões de diversos formatos e tamanhos e casas para abotoar. Os botões sugerem os gestos cotidianos de abrir e fechar e solicitam a ação de quem com eles interage. A leitura desse livro é feita pelas mãos, convidadas a brincar em movimentos guiados pelo acaso, libertas dos automatismos dos gestos cotidianos³. Para esta exposição, foram feitas duas réplicas deste último, para deleite e diversão das crianças de todas as idades.

Paulo tem trabalhos em colaboração com poetas, artistas e músicos, como o *"Poesia Viva"*, realizado com Unhandeijara Lisboa em 1977, além

de ter o artista Daniel Santiago como um parceiro constante durante décadas. Mas o leitor também participa de seus trabalhos de outra forma. A *"Revista Classificada"*, produzida em xerox e distribuída pelo correio, reúne os inusitados anúncios da equipe Bruscky & Santiago. São propostas de ações, obras a realizar em busca de patrocínio, notas de crítica social ou comentário político, com uma dose de humor e lirismo. Os textos funcionam como partituras de eventos/ações, que em sua maioria podem ser realizados por qualquer pessoa. Segundo a equipe Bruscky & Santiago, os classificados são uma forma de "furar a panelinha das páginas literárias". São intervenções poéticas que fazem lembrar a atitude de outro pernambucano, o poeta Manuel Bandeira, com seu "Poema tirado de uma notícia de jornal". Como se os artistas devolvessem para a circulação, para a vida comum, o que a literatura havia tirado.

Paulo participou do poema-processo, e muitos de seus trabalhos têm a presença da palavra poética como forma de mudar o nosso olhar. Neste sentido, os títulos têm um papel importante em alguns dos livros de Bruscky. Mas só o título não é suficiente, é preciso a associação com determinado objeto, com certa forma, para que o curto-circuito inicie. Assim, ao vermos os pós coloridos em sacos plásticos, precisamos do título do livro, *Pós-Modernistas*, para entender a proposta. Em um trabalho recente, um caderno escolar de capa dura recebe uma etiqueta, daquelas com cantos arredondados e filete vermelho na borda, com o título *Poema Pautado*. A atribuição de um título como estratégia para transformar uma imagem apropriada é recorrente nos poemas visuais de Bruscky. Cristiana Freire comenta a "inserção de títulos irônicos e poéticos em anúncios encontrados cujo texto remete a um realismo fantástico"⁴.

Um livro-objeto parece ter surgido a partir do título: *A Arte de Separar-se*, um livro de Edoardo Giusti, foi cortado em três partes, realizando o que o título sugere. O uso da palavra "arte" na capa de um livro de psicologia não passou despercebido pelo artista, que viu o potencial das palavras do título para fazer uma obra. Em outro livro alterado, *Volume Superior/Volume Inferior*, as duas metades que formam o volume são dispostas empilhadas, chamando atenção para o duplo sentido da palavra volume. Um cardiograma encadernado recebeu o título *Sentimentos*. O subtítulo acrescenta uma nota de humor e fina ironia: "um poema feito com o coração". Em outro livro, o título instrui: "Abra e cheire / a primeira lembrança / é arte". Na capa, a frase aparece assim dividida, como se fossem versos. O artista apresenta uma experiência sinestésica: obras para ver, ouvir, tocar e cheirar. No teto do Museu da Pampulha, a frase de um dos carimbos de Bruscky ganha novo significado, "Arte em todos os sentidos".

A metalinguagem, que aparece em vários de seus trabalhos, é o mote para o livro *Rodapé*, de 2005. O livro, em formato horizontal, permite que a faixa prateada no pé da página, chamada de rodapé, tenha uma área maior do que teria se o livro adotasse o formato vertical. Além das faixas, estreitas no topo, largas na base, não existem imagens ou textos neste livro que homenageia os fazedores de livros.

Paulo tem uma vida fazendo livros. Para ele, tudo existe para acabar em livro, mais do que para qualquer outro artista. É um verdadeiro exemplo de librismo, uma "tendência para escolher o livro como espaço de todo tipo de manifestação"⁵. Os livros dispensam, em sua maioria, o texto de apresentação, prefácio, texto de orelha ou contracapa. A pessoa tem a experiência direta com o trabalho, sem intermediários. Se Paulo Bruscky fosse o nome de uma editora, teria um catálogo considerável, com destaque para a coleção *Intersignes*, formada por circuitos eletrônicos encadernados com uma capa verde. Diferente de uma editora, porém, muitos dos seus livros de artista foram amplamente distribuídos pelo correio – forma de circulação artística marginal completamente alheia ao mercado e ao sistema da arte oficial⁶.

AMIR BRITO CADOR, artista, professor de Artes Gráficas na EBA/UFGM, realiza pesquisas sobre livros de artista. Publicou o livro *As façanhas de um jovem Dom Juan* pela Andante edições em 2010.

¹ Material enviado pelos autores a Sérgio Amaral, que publicou a resenha do livro na *Revista Vozes*, Ano 69, nº 9, novembro de 1975.

² *Diário de Pernambuco*, 20 de julho de 2009.

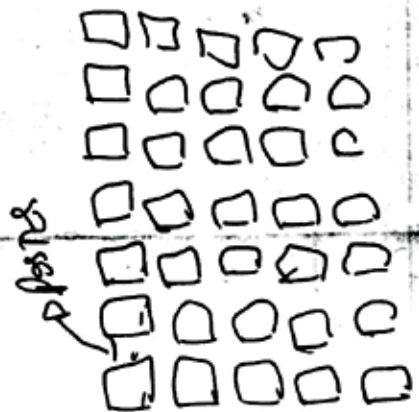
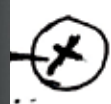
³ Freire, Cristina. "Livrobjetojogo" in *Obras comentadas da coleção do MAM*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1993, pp. 51-53.

⁴ Freire, Cristina. *Paulo Bruscky: Arte, Arquivo e Utopia*. Recife: CEPE, 2007, p. 154.

⁵ Mirela Bentivoglio, cf. Paulo Silveira, *A Página Violada*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2001, p. 214.

⁶ Freire, Cristina. "Livrobjetojogo" in *Obras comentadas da coleção do MAM*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1993, pp. 51-53.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5



X
 D Bresson
 um 6-1
 cl = 11
 DA SÉRIE
 ANONIM
 20
 PINTURAS
 DA SÉRIE
 POSTER
 5

Paul Bresson

ARTE/PARÉ



RECIFE-1973



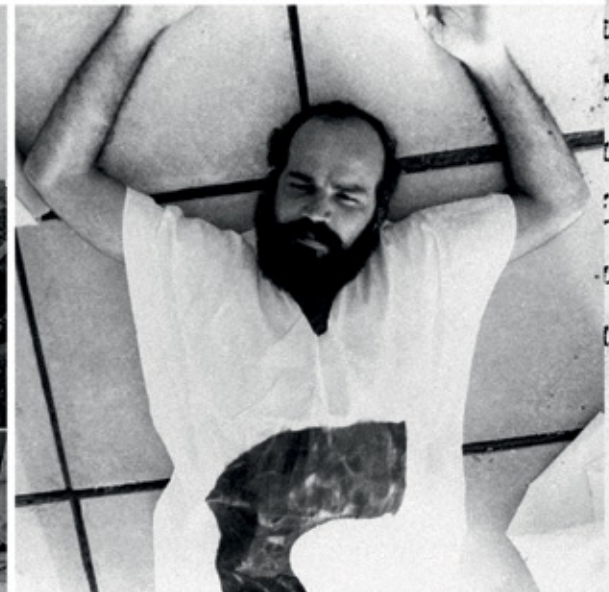
PAULO BRUSCKY



RECIFE 1977



E que,
ta ar-
existe
na! Es-
homena
estos,
so coti
reis, so
os. Fa-
nce|pa
nem ve
travês'
da '
eligio-
al dos
tobias,
ilene,
iz cor-
usky,
melo,



Recife, Brasil, 14 de março de 1977.
Dia Nacional da Poesia.

Primo Amador





Associação de Artistas
Plásticos de
Amsterdan

BBK

beroepsvereniging van
beeldende kunstenaars



PROAZIA

**REQUATA
BBK**

Postbus 10328 - 1001 EH Amsterdam

COPIA CONFORME
ORIGINAL



~~ENVELOPEMA~~

I WILL BE IN 12:30 AROUND T

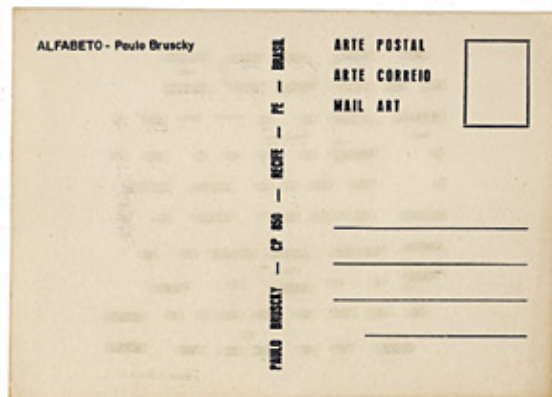
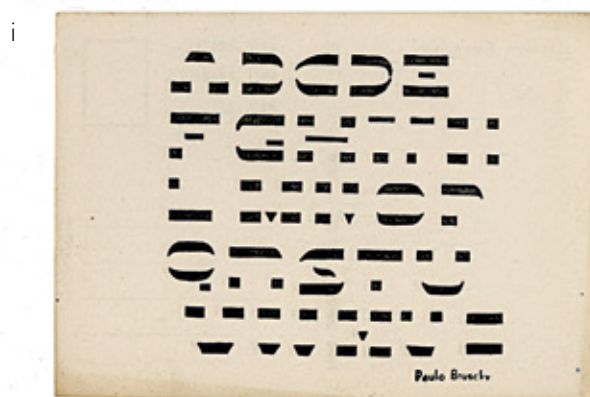
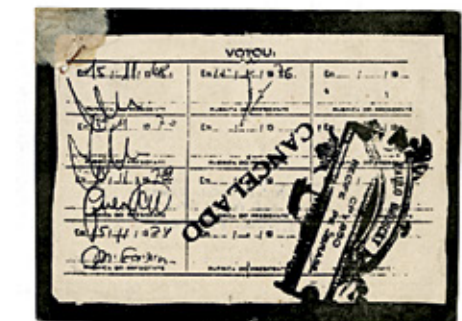
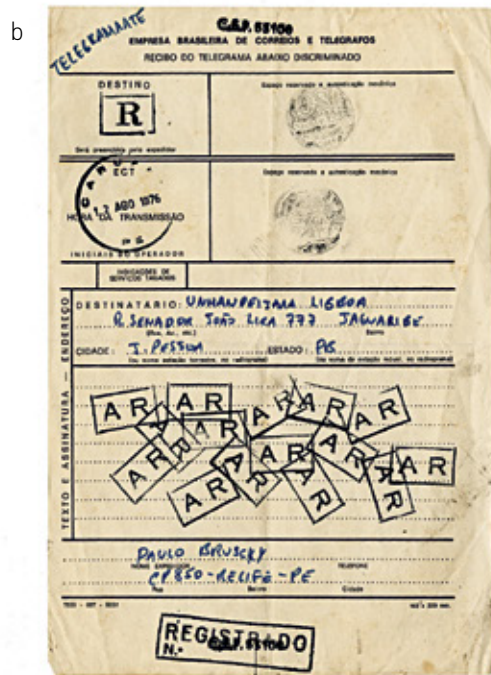
~~AMERICA LATINA~~

CLICO LOGO DELETO

PAU...



ANLO BRUSCKY



Paulo Bruscky nasceu em Recife, em 1949, onde vive e trabalha. Artista, ativista e renomado arquiteto, trabalha com diversas mídias, que incluem desenhos, performances, *happenings*, *copy art* e faxarte, arte postal, intervenções urbanas, fotografia, filmes, poesia visual, experimentações sonoras e intervenções em jornais, entre outras experiências.

Apresenta sua primeira exposição em 1970, na Galeria da Empetur de Recife. Em 1973 ingressa no Movimento Internacional de Arte Postal. Mantém correspondência com artistas internacionais do grupo Fluxus. Em 1974 organiza *Nadaísmo* e, em 1975, a Primeira Exposição Internacional de Arte Postal, em Recife, que teve muitas outras edições posteriores.

Sua produção em super-8, vídeo e rádio também está incluída em inúmeros festivais e eventos internacionais, inclusive aqueles que o próprio Bruscky organiza: International Video Art I e Internacional Ra(ú)dio Arte Show II, Recife, 1979. Realiza e participa das exposições de livros de artista: *Libres d'artiste / Artistas' Livros*, do Centro de Documentação Atual D'Arte, Barcelona, 1980, e *Bookworks 82*, Fundação

de Arte de Hoje, Filadélfia, 1982. Em 1981 organizou a Exposição Internacional de Arte em *outdoor - Artdoor*, Recife. Em 1981 recebeu o Prêmio Guggenheim de Artes Visuais da Fundação Guggenheim, Nova York. Nesse mesmo ano foi convidado a participar da XVI Bienal Internacional de São Paulo. Em 2004 participa XXVI Bienal de São Paulo, quando apresenta, em sala especial, a reconstrução de seu ateliê/arquivo. Em 1984 e 2009 participa da Bienal de Havana, Cuba. Em 2009 expõe na VII Bienal do Mercosul, Porto Alegre.

Entre as inúmeras exposições destacam-se: Bienal Brasil Século XX, Fundação Bienal de São Paulo (1994, 2010); Arte Conceitual e Conceitualismos: 70 Anos Não Acervo MAC/USP; Galeria de Arte do Sesi, São Paulo (2000); Anos 70: Trajetória, Itaú Cultural, São Paulo (2001); 27º Panorama Atual de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (2001). Em 2006 teve publicado o livro *Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia*, por Cristina Freire, seguido pela exposição antológica com curadoria de Paulo Freire - *Bruscky: Ars Brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (2007). Em 2010 participa da XXIX Bienal de São Paulo e de mostra panorâmica no Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte.

capa Fonte | 1982/2010
Detalhe, sistema de som, arquivos de áudio e software | 271 x 260 cm | coleção do artista

p 2 O que é a Arte? Para que serve? | 1978 | fotografia | Recife | coleção do artista

p 3 Vista parcial
1º plano: Atenção: Cuidado com o vão entre o trem e palavra | 2008 | vinil adesivo | 2200 x 76 cm | coleção do artista

Ao fundo: Fonte | 1982/2010 | sistema de som, arquivos de áudio e software | 271 x 260 cm | coleção do artista

p 4 Atenção: Cuidado com o vão entre o trem e palavra | 2008 | vinil adesivo | 2200 x 76 cm | coleção do artista

p 5 Da série Postes | 1978 | 36 fotografias | 13 x 18 cm (cada) | coleção do artista

p 6 Linha poética | 2010 | carimbo, linha de algodão e fita adesiva sobre papel | 15 x 21 cm | 500 exemplares | coleção do artista

p 6 Língua performance | 1988 / 2010 | impressão tipográfica sobre papel | 15 x 21 cm | 500 exemplares | coleção do artista

p 7 Vistas parciais da exposição no Salão Nobre.

p 8 Equipe Bruscky & Santiago | Tipos Humanos | 1990
Livro de artista | livro em capa dura, letras prensadas, cadeado e papel | coleção do artista

p 8 Equipe Bruscky & Santiago | A arte de separar-se | 1993
Livro de artista | livro recortado, *letra sett* sobre caixa de papelão forrada | coleção do artista

p 8 Paulo Bruscky | Sentimentos: um poema feito com o coração | 1987
Livro de artista | livro em capa dura, letras prensadas, eletrocardiograma, caneta esferográfica e papel | PA | coleção do artista

p 8 Flávio Pons, Cláudio Goulart e Paulo Bruscky | Pons-Goulart-Bruscky | 1982
Disco de artista | xerox, carimbo, selo, nanquim e caneta hidrográfica sobre papel | coleção do artista

p 8 Paulo Bruscky | Livrobjetojogo II | 1993
Livro de artista | tecido bordado, zíper, botões diversos | coleção do artista

p 10 Da série Arte Classificada | Arte Paisagem - Saudade | 2009
publicado no Jornal Estado de Minas

em 19/11/2009 | plotagem digital adesivada sobre a fachada do Museu de Arte da Pampulha

p 11 Vistas parciais da exposição no Salão Nobre

p 12 Arte/Pare | 1973 | álbum de fotografias p&b | Recife | coleção do artista

p 13 Paulo Bruscky & Unhandejara Lisboa | Poesia Viva | 1977 | álbum de fotografias p&b | coleção do artista

p 14-15 Paulo Bruscky & Daniel Santiago | Fogueira | 1974-2010 | 50 barras de gelo empilhadas | 240 x 80 x 80 cm | escultura realizada no dia 18 de setembro de 2010 durante a abertura da exposição | coleção do artista

p 17 Vista parcial da exposição no Mezanino

p 17 Carimbos diversos | madeira e borracha | sem data | dimensões variáveis | coleção do artista

p 18
a Da série Aerogramas | Arte Correio | 1975 | carimbo e nanquim sobre aerograma | 20,6 x 15,3 cm | coleção do artista

b Da série Telegrama | Arte Correio | 1976 | telegrama, caneta hidrográfica, grafite e carimbo | 24 x 16,2 cm | coleção do artista

c Poazia | Arte Correio - Postais | 1977 | carimbo, grafite e colagem sobre papelão | 15 x 19,3 cm | coleção do artista

d Título de eleitor cancelado | Arte correio - Postais | 1979 | fotocópia, etiqueta, carimbo e caneta hidrográfica sobre papel | 16x12 cm | coleção do artista

e Colis Postal | Arte Correio - Postais | 1975 | papel laminado rosa, colagem, nanquim, fita plástica, carimbo, selo, xerox e etiquetas sobre papel | 11 x 14,8 cm | coleção do artista

f Da série Aerogramas | Arte Correio | 1977 | carimbo, selo, caneta esferográfica e hidrográfica sobre aerograma | 31 x 16,3 cm | coleção do artista

g 5.000 Grampos Especiais 26/6 | Arte Correio - Postais | 1976 | grampo, selo, clipe, nanquim e caneta hidrográfica sobre papelão | 11 x 9 cm | coleção do artista

h Naturillis Eroticus 1 | Arte Correio - Postais | 1978 | carimbo, impressão offset e grafite sobre papel | 11 x 9 cm | coleção do artista

i Alfabeto | Arte Correio - Postais | impressão offset sobre papel | 10,5 x 15 | coleção do artista

PAULO BRUSCKY
UMA OBRA SEM ORIGINAL
19 de Setembro a 21 de Novembro 2010
Salão Nobre | Mezanino | Jardim

CURADORIA E PROJETO GRÁFICO - EDITORIAL
Marconi Drummond

EXPOGRAFIA E MOBILIÁRIO
Renata Marquez e Wellington Cançado

MARZENARIA
Arte Cênica

PROJETO TÉCNICO, PROGRAMAÇÃO E SONORIZAÇÃO DA OBRA "FONTE"
Pedro Durães e Leonardo Moraes

RÉPLICA "LIVROBJETOJOGO 2"
Rita Alcântara

CADERNO EDUCATIVO "BANCO DE IDEIAS"
Fabiola Moulin

PROJETO GRÁFICO
Fernanda Monte Mor

FOTOGRAFIA
Eduardo Eckenfels exceto páginas 2, 6, 12, 13, 15, 16 e 18

REVISÃO
Roberto Arreguy

COORDENAÇÃO
Assessoria de Comunicação da Fundação Municipal de Cultura

SUPERVISÃO
Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
PREFEITO
Marcio Lacerda

Fundação Municipal De Cultura
PRESIDENTE
Thais Velloso Cougo Pimentel

Museu de Arte da Pampulha
DIRETOR
Sérgio Rodrigo Reis

Associação dos Amigos do Museu de Arte da Pampulha
PRESIDENTE
Carlos Perktold

SUPERINTENDENTE
Vinicius Vidal

Museu De Arte Da Pampulha
Av. Dr. Otacílio Negrão de Lima 16585
Belo Horizonte MG 31365450
T +55 31 32777946 | map@pbh.gov.br

Apoio Cultural



Realização



HOJE, A ARTE É ESTE COMUNICADO
TODAY ART IS THIS COMMUNICATED
paulo bruscky